



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

5 DE ABRIL DE 1958

Ano XV — N.º 367 — Preço 1\$00

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

## Facetas de uma Vida

### AS PÉROLAS

A fama dos bancos de pérolas de Ceilão perde-se na poeira dos séculos.

As civilizações mortas do Egipto, que na sua peculiar filosofia da imortalidade da alma edificaram sumptuosos palácios subterrâneos no Vale dos mortos, ornavam com estas jóias preciosas as múmias dos seus entes mais queridos. E muitos séculos antes de os homens do Ocidente chegarem até Ceilão, chegavam as famosas pérolas até nós por intermédio dos mercadores de Venézia.

Foram os portugueses que no princípio do século XVI tomaram conhecimento da indústria da pesca naquela ilha, que depois passou aos Holandeses e hoje é explorada pelos ingleses, com pouca alteração dos primitivos processos.

A Cidade das pérolas aflue na ocasião da ceifa uma média de 35 a 40.000 homens de várias regiões do Oriente: mer-

gulhadores, marinheiros e mercadores. A superintendência dos trabalhos está na mão dos ingleses, que colhem uma percentagem da exploração.

Os barcos, com uma tripulação de 100 homens em média, largam da praia ao romper do dia e regressam à noite. Uma vez no banco, os mergulhadores preparam-se para descer por cordas, munidos de um pequeno saco de rede que enfiam no braço e o nariz tapado com uma mola. O mergulho, em regra, dura 60 a 90 segundos, e durante este tempo deita ele para o saco todas as ostras que pode deslocar. Cinquenta mergulhos é considerado um dia cheio. O produto de cada homem é ensacado em sacas de 1.000 ostras, tocando-lhe 33 1/3% da ceifa diária.

Uma vez chegados a terra são aproximados por multidões de mercadores que compram tudo, em leilão. Estes, por sua

— Continua na segunda página



Em Pintéus — simplicidade e beleza!

### Património dos Pobres

«O «Morris»! Não há carro como este nosso nem marca que tenha sido testemunha das maravilhas que Deus vai operando pelas mãos de mortais a favor do homem! Ainda não tem um ano e já rodou mais de 30.000 quilómetros!»

Isto escrevia Pai Américo em um dos últimos artigos sob esta epígrafe. Eu digo o mesmo: não há outro!

Desta feita foram três dias cheios pelas dioceses de Lamego e Vila Real: «Morris», «Tomar» e eu.

Dias cheios—disse—pelo muito que vimos e ouvimos e falamos. Deus dê vida a todos estes contactos e à nossa actividade de «viajantes» de um ideal, pois bem O sabemos único autor de toda a renovação operada à face da terra.

Algumas vezes, temos tido que esclarecer e defender o Património dos Pobres de muitos atropelos de gregos e troianos. Atropelos sem malícia, filhos do prestígio de um nome e da ignorância da realidade essencial que dá por esse nome.

O Património dos Pobres foi uma inspiração de Deus a Pai Américo, que ele entregou à Igreja. Apesar de e para além das 1.400 casas construídas em seus seis anos de existência, ele vale sobretudo como cruzada a despertar as consciências para a gravidade e urgência dos multiformes problemas da habitação.

Ainda que o Património tenha a sua face assistencial, qualquer identificação com uma obra de mera assistência é uma profanação, porquanto a sua natureza eclesial o introduz na ordem da Caridade. Por outro lado, já que o Património foi inspiração de Deus, entregue à Igreja, a Igreja receba e deve guardá-la tal qual. Qualquer mutilação pode ser um prejuízo grave na eficácia apologética da Obra.

A própria ignorância que, às vezes, atropela a pureza da ideia que Deus disse a Pai Américo, confessa afinal aquela eficácia, de tal ordem que, sob o seu nome, se quer colocar outras soluções bem diversas desde a sua gestação.

Esta viagem deu-nos de tudo. Em uma das paróquias, onde demoramos largas horas a ver o remédio pronto e as chagas que urge remediar, aí encontramos um vicentino abrasado, tão simples e espontâneo em sua paixão pelo Pobre, que ninguém lhe resiste. Nem ninguém, nem nada... nem sequer o dinheiro! «Tomar» naquela tarde, não falou de outra coisa senão daquele vicentino abraçado. Que Deus o ajude e

Cont. na terc. pág.

## PÁSCOA

«Este é o dia que o Senhor fez. Exultemos e rejubilemos nele.»

Este é o dia da passagem em que «a morte e a vida travaram entre si singular combate; e o Autor da vida, havendo morrido, reina agora vivo».

Cristo, que «reina agora vivo», para sempre, é o «Caminho» aberto aos homens de boa vontade. Quem O segue, quem O prova, não provará a morte eternamente, que Ele é a «Ressurreição e a Vida».

Este é o dia da passagem...

Multidões e multidões de homens desconhecem este dia, o dia da Vida, «que o Senhor fez» para o Homem. E desconhecendo, não passam, não seguem o Caminho. Vão à deriva... para nenhures. Multidões e multidões de homens, deserdados da Felicidade que o Senhor fez também para eles!

Por isso Cristo continua em agonia até ao fim dos tempos. Permanece na aparência de vencido em tantos dos seus membros místicos, mas é para vencer a morte e ganhar para a Vida as multidões de homens, perdidos do Paraíso que Deus lhes destinou.

Feliz de quem conhece o dia da passagem e segue o Caminho que é Ressurreição e Vida. É grande a sua responsabilidade!...

O amor fraterno, que não tem dispensa entre cada homem e todos os outros homens, dirá aos que conhecem o dia da passagem o mistério da eficácia do aceitar a morte para dar Vida aos outros, com Cristo e como Cristo, o «Autor da Vida» que, «havendo morrido, reina agora vivo», para sempre.

E os homens de boa vontade abraçarão apaixonadamente a sua Cruz, Fonte de Vida. E apesar da morte e da permanência dos seus sinais até ao fim dos tempos, nada impedirá a nossa exultação e júbilo n'«este dia que o Senhor fez».

## SETÚBAL

A aflicção é o grande motor. Nós homens somos assim. Movidos vamos para a frente. Somos capazes de tudo!... Quando não, podemos clamar por auxílio. Se não nos ajudam fazemos o mais possível.

É, sobretudo no campo social e religioso que melhor se verifica este princípio. «O Gaiato» não faz outra coisa senão levantar aflições para valer a tantos aflitos.

O penúltimo «Setúbal» ia para afligir. Eu trago uma ferida aberta e queria que o sangue que dela jorra fosse abrir muitas: O caso da família que vive na toca. Nunca assim tinha visto. Nunca sentira tanto abandono. Nunca uma mãe a chorar e a desabafar dor, desespero, revolta, amargura e não sei quê, misturado, que era um autêntico vulcão. Eu vim com uma ferida que aumenta cada vez mais por ver ouvidos tapados, olhos cegos, corações endurecidos, almas tão boas e tão mal formadas.

O nosso Deus vive no nosso semelhante e a Sua presença palpita sobretudo naquele que sofre! A tua devoção mestra

deve ser ao Pai Comum. A primeira oração de Cristo, a única que ele ensinou, é assim: Pai Nosso!... Pai de muitos filhos que são os homens... Oute consideras irmão dos outros homens ou filho de outro pai. O nosso Deus não tem escra-

— Cont. na terceira página

### Nós vamos ao Coliseu

Um dia destes fui a Lisboa pelo piano que alguém de lá nos deu. Uma categoria! Um Bechstein! Sejaquim embandeirou em arco e ninguém o atura. Já me disse que toca consoante o auditório e eu pedi Chopin. Vamos a ver. Os senhores no Coliseu, já sabem... é só pedir. Sejaquim toca consoante o auditório.

O grupo coral não sei o que será. Só sei que Sejaquim nem para os ensaios da Semana Santa empresta a sua hora de ensaio.

Grupo cénico também se prepara. Júlio idem, quanto a propaganda e bilhetes. Ele até já foi ao cenógrafo encomendar cenários!

Os senhores vão-se preparando também que o tempo passa depressa e 22 de Maio não tarda aí. Olhem que o Coliseu só tem 4.000 lugares e todos os anos costuma ser as coxias cheias e muita gente à porta por ter acordado tarde!

«Quem avisa...»



*Há na vida das nossas Casas quadros tão cheios de candura e beleza, que, ao descrevê-los, reccamos diminuir e profanar. Quanto mais os contemplamos e sentimos, melhor compreendemos a harmonia que Deus pôs na natureza e a desarmonia que os homens lhe misturaram.*

*Como tudo seria belo, se não fosse a maldade dos homens!*

*Últimamente, numa leva de pequenos que admitimos, veio um de cinco anos cheios de vivacidade. Vivia com a mãe, uma rapariga de vinte e poucos anos, um pouco atrozada mental. O pai dela (se pai lhe podemos chamar) vendeu-lhe a inocência. A pobre rapariga, nas mãos do carrasco, teve de sujeitar-se a tudo. Agora alguém quis dar-lhe a mão. Ela mesma quer levantar-se. Deus é testemunha.*

*O pequenito é um encanto, de esperto e de afecto à mãe. Os primeiros dias foram de pranto. Como ele sabia chamar: a minha mãe não me vem buscar? Tive muitos momentos em que o surpreendi a falar com a mãe ao telefone (um telefone que deram para o nosso mais pequenino). E que conversas tão cheias de amor e saudade! E que lágrimas tão íntimas lhe caíam pela face! Uma criança de cinco anos a gritar por justiça. Ele quer a mãe. A mãe é que nem é capaz, nem o pode ter.*

*Nos primeiros dias ia pelas casas dos nossos vizinhos pedir um tostãozinho para a mãe. E há dias, a sós consigo, disse muito inocentemente: Sabe, quando a minha mãe esteve doente eu ia pedir um bocadinho de bolar e dava-a toda a ela e eu não comia nada. Ainda ontem me veio dizer: Agola já não tona a cholale. Aqui dão-me muito comê. Eu gosto tanto de bolar. Quando a minha mãe me vem cá vê-lo?*

*O mundo, quantos valores tu desprezas pela tua maldade! Vem aprender nesta criança o que faz a tua injustiça!*

\*\*\*

*Quase ao mesmo tempo veio outro de seis anos, mas já mais batido pelo mundo, embora tão cheio de ternura como o primeiro. Vivia com a avó, velhinha e entevada, sustentada pelas esmolas que lhe levavam a casa ou que o pequenito ia pedir.*

*A mãe faleceu tuberculosa quando ele era pequenino. O pai tinha-os abandonado e nunca mais quis saber.*

*Também este pequenino tem sido um quadro muito vivo na nossa Casa! Os primeiros dias foram também de choro pela rica avózinha.*

*No dia seguinte ao da sua chegada, ouvi-o do meu quarto a gritar: ó avózinha eu só queria ir torná-la a ver e depois já vinha contente. Ouvi e chorei em silêncio.*

*Outras vezes ouvimos dizer-lhe quando o consolávamos: a minha avó está sòzinha e eu era o amparo dela. E mais coisas que lhe ouvimos de que os nossos ouvidos pecadores não eram dignos de ouvir. Agora já trabalha e canta.*

\*\*\*

*Dias antes tinha vindo um outro de doze anos de quem a mãe tinha feito um mundo de queixas. Perguntamos ao Senhor Prior se tudo aquilo era verdade e disse-nos que o pior ainda a mãe não o tinha dito.*

*Desde pequeno pelas ruas da cidade arrastado por um irmão mais velho. O pai falecera já há tempo. A mãe, tuberculosa, tem passado a vida por hospitais e sanatórios. Em casa não havia lume nem pão. Daí vieram os vícios.*

*De há umas semanas que está connosco, não temos queixas a fazer.*

*Em nossa casa há mesa com o caldo quente e pão ao lado e cama feita todos os dias.*

*Espero que vamos ter homem.*

Padre Horácio

vez, enterram as ostras até que sejam destruídas pelos vermes; passam os organismos assim destruídos por crivos de cobre, retiram as pérolas, graduam-nas e enviam-nas aos grandes mercados.

A época, geralmente não dura mais de 40 dias, em que cerca de 24 milhões de ostras são arrancadas do fundo do mar.

O que são as pérolas? Lendas; teorias.

Mistério da natureza.

Para que são as pérolas? Caprichos; contrastes. Mistério da humanidade.

Com igual magnificência e

## AS PÉROLAS

Continuação da primeira página

sentido diferente, elas adornam o colo das mulheres, a corôa dos reis, a mitra dos Bispos, a tiara dos Papas:

Caprichos.

Há pérolas que são riqueza e miséria; heroísmo e vergonha, alegria e dor, magestade e escândalo:

Contrastes.

E há ainda uma pérola pre-

Não sei por onde começar. Se pelo Norte, pelo Centro ou pelo Sul. É Portugal inteiro a vir junto de nós e dizer o seu amor para com a Obra da Rua. Quanto mais simples tanto mais belas essas palavras de amor. Senão vejamos: «Junto envio 40\$ para os seus rapazinhos. Era o custo de dois bilhetes para uma matinée do Carnaval. Tanto eu como minha filha ficamos sem ir, oferecendo e pedindo a Deus o bom aproveitamento dos estudos de meus filhos. Uma mãe.» Privar-se do que é ilegítimo é uma obrigação. Privar-se do que é legítimo é sacrifício, é virtude. Estas provas de amor são uma réplica ao amor de Deus para connosco. Bem aventurados os que amam por amor de Deus. Quem dá assim sente ânsias de dar mais. E sofre por não poder dar.

100\$ da que lamenta não poder dar mais. Agora é S. Pedro do Sul: «tenho pena de não ter para poder ajudar muito. Envio 100\$. É muito pouco, bem sei, mas já que não posso dar muito, ao menos dou de vontade. P. L. N.» Recebemos e pode ser atendida. Outros que sofrem porque há os que podem e não dão. «Só lastimo que nem todos pensem nela. A Obra é de todos, pobres e ricos. Aliviando uns, também alivia os outros oferecendo-lhes ocasião de descarregar a sua consciência». São tantas as provas de carinho: «200\$ que representam o aumento do meu vencimento»; «O dobro mais 40\$00 de um recente aumento do meu ordenado que já há muito vos estava destinado. Um amigo vosso»; «favore-

do que nós

## necessitamos

ceu-me Deus, concedendo-me um aumento de ordenado». «A exemplo do que fiz já com o antecedente aqui vai mais este»; «é a quarta parte do aumento de ordenado de minha mulher que se destina a minorar o mal onde quer que se encontre»; um «Zé» de Arruda dos Vinhos diz da sua alegria e manda também — «Deus quiz-me ajudar embora não fosse merecedor»; de Almada, Lisboa, Porto, Algés, V. N. de Gaia e Nampula, o mesmo testemunho de gratidão pelo «degrau subido». A sintrese do costume diz que o prometido é devido. Cumprimento de promessas e to, S. Mamede de Infesta, Reboações de graças de Lisboa, Portaria, Açores, Angola e do estrangeiro. Lourenço Marques pedem-nos licença para vir também com a sua «modesta oferta». As nossas portas estão sempre abertas a todos os de boa vontade. Para tal se abriram. Os Pobres do Barredo são lembrados.

É a Páscoa que se aproxima. E não quero nem posso ir de mãos vazias. A assinante 15.033 mandou para eles. E o 24.424 também trazendo consigo a Av. João Crisóstomo de Lisboa. «Pedimos vossas orações em comunidade por duas almas que sofrem». O Senhor Padre Carlos anotou ao lado: «Não trazia di-

nheiro mas uma grande confiança. Ó esmola!» O Espelho da Moda é o nosso armazem no Porto: cartas com dinheiro, pacotes, roupas e não sei que mais. Uma subscrição do pessoal da Companhia Fabril de Salgueiros rendeu 1.000\$. Migalhas para os Pobres de 20\$ e 50\$. Cem e uma libra de uma amiga da Obra. A Firma F. Ramada de Ovar agradece por nos poder ser útil. Também nós agradecemos as duas serras que nos enviou. Algodão e tecidos de Cadaval. Rodésia e Angola ajudam-nos ao que mais necessário fôr. «Consegui salvar 50\$ ao chegar ao fim do mês de Fevereiro, do meu ordenado e de meu filho — que desaparecem nos compromissos do mês a mês — e eles aqui vão para o fim de sempre. Quem me dera poder ser mais assídua e dar mais, muito mais. Faço o que posso.» É uma professora primária a falar. Roupas de mulher para bebê. Três cortes de fazenda da Covilhã. 100\$ de Torres Novas e igual quantia do Funchal.

«Esta é a minha contribuição mensal. Um admirador da Obra da Rua». Os armazens da Fábrica de Baptistas. L.da marcaram presença. No «Primeiro de Janeiro» e «Comércio do Porto» duas notas de 50\$.

«Em comemoração do 26.º aniversário do meu matrimónio, aí vão 200\$». A quarta parte «por alma de meu filho». Voltam «os dois amargurados» como de costume. Remédios e vinte correspondentes ao mês de Fevereiro. Quatrocentos no Banco Espírito Santo. «Uma admiradora dos gaiatos» acrescenta 500\$. Peças de riscado de Variz. 467\$60 «por alma de Armando Fernandes Sequeira». Roupas da Av. Alvares Cabral, de Lisboa. Restos de migalhas para os Pobres do Barredo. Um mês de trabalho — 500\$. Da Quinta de Arnozelo 25 litros de azeite. Donativos de «uma viúva inconsolável». Roupas e algodão de Bragança. Uma touca, um casaco e uma colcha do Colégio «O novo Académico». Outro pacote de roupas de Gulpilhares e de Porto de Mós, acompanhados de muita devoção. 5 doll. dos Estados Unidos e 10 marcos da Alemanha. Lembranças para confecção de camisas dos nossos rapazes. Sobras do pagamento do jornal. 100\$ do Colégio Rainha Santa Isabel. Migalhas para a Senhora Ana de Jesus. O pessoal da Mobiloil volta. Sementes de cenoura. «Junto cheque de 100\$. Distançou-se muito das que venho fazendo e a importância é menor porque o negócio tem corrido mal.» Aos que dão o que podem não se pode exigir mais. 1.200\$ da cidade da Beira. Quinhentos da R. António Pedro de Lisboa. «Desculpe ser pouco mas também somos pobrezinhos.» Isto vale todos os «grandes» de todas as Nações do mundo.

## Chales de Ordins

Ao chegar a casa naquele domingo, mais de três dezenas de crianças chilreavam no jardim. Esperavam o pequeno almoço. Leite, pão amarelo e queijo. A pequena varanda onde se costumavam acotovelar, quase todos sentados no chão, não pode naquele dia utilizar-se devido a obras. São filhos das tecedeiras e outros. Os dois sexos. Várias idades. Há poças de água no jardim. Chovisca. As crianças chapinam, enquanto não aparece a panela cheinha de leite coroadado de espuma alvinitente. Rodeiam-

na. Comprinem-se, de malga na mão. Agora é vê-las nos degraus molhados da escadaria. Estão entretidas. Não dão pela humidade que lhes vai trespassando as poucas roupas. Há-as também de pé na lama. Outras estendem um saco ou chale no chão molhado e, malga à boca, alheiam-se por momentos. Os mais pequeninos tremem de frio. A chuva continua a cair lentamente. Parece não darem fé. Todavia agora engrossa. Chove bem. As crianças acordam do seu sonho branco. Fervilham, inquietas. Olham para mim, de testa franzida, encharcadas. Um olhar longo, cheio de angústia, à espera de resposta. As duas raparigas que servem as crianças, só por amor de Deus se molham também. Ela continua a cair, inclemente. Há três guarda-chuvas abertos. De pé, seus donos seguram-nos com uma mão e com a outra a malga. No bolso a colher. Os amigos procuram seus amigos, fugindo ao tempo. Os mais pequenitos tremem de frio, molhados. São vagarosos. As raparigas viram-se, agora, para eles, e, como mães, tomam a colher e dão-lhes de comer. A chuva fustiga-as, mas, insensíveis, cumprem a sua tarefa de amor até final. Finalmente a debandada. Não chilreiam mais.

ciosa, que não é lenda nem teoria, nem capricho, nem contraste, mas também é mistério e tem tamanho valor, que o outro foi e vendeu tudo quanto possuía para a obter!

Fazer-se pobre por amor dum jóia!

Singular «margarida»...

Este mar de Buarcos tem a propriedade de nos rasgar ideias tão largas como os horizontes que se perdem no seu seio!

Frei Junípero

«LUME NOVO» — N.º 4 (Número especial da «Colónia de Férias» de Buarcos em 1927).

Cont. na pág. QUATRO

Padre Manuel António

# CALVÁRIO

Eis um tema que nos é muito grato e que alguém da Rua da Constituição diz, ao modo de legenda que acompanhava o seu donativo: «É uma graça de Deus poder dar».

No domínio dos bens materiais, que Deus criou para todos os homens, a Humanidade divide-se em dois grupos: os que podem dar e os que precisam de receber.

O mérito sobrenatural para os componentes de cada grupo vem-lhes do exercício das suas potencialidades, em sentido oposto e convergente para o equilíbrio no usufruto daqueles bens que Deus fez para todos e deu desigualmente aos dos dois grupos, para que estes operassem a igualização.

Para quem pode dar, ter ocasião de dar, não há dúvida que é uma graça de Deus. E, se ele assim entende, o Pobre, ou o recoveiro dos Pobres, nunca é um importuno, antes uma graça actual que urge aproveitar. E a esmola, então, não será uma simples transferência de bens materiais, mas uma colaboração consciente e voluntária na redistribuição justa dos mesmos bens, que Deus confiou aos homens. Aquele dar não será uma entrega que ensoberbece e uma aceitação que humilha. De ambas as partes estendem-se mãos que se apertam a dizer a sua fraternidade em Deus nosso Pai. E a troca material é o «sacramento» da troca invisível, espiritual, meritória para a vida eterna, em que ambos aceitam o papel que Deus lhes destinou na erecção do Seu Reino temporal, feito necessariamente de pedras desiguais.

A graça de Deus não vem tanto de se poder dar por ter que dar, mas do próprio dar em sequência lógica e necessária do ter que dar. E isto não apenas por actos avulsos de uma Caridade que se torna equívoca para os homens que esperam do homem o nivelamento matemático, desumano e impossível de todos diante dos bens materiais, que para todos Deus criou. É preciso que a Caridade seja uma atitude sistemática tendente em sua evolução própria à realização da Justiça Social. Que os do grupo dos que podem dar, disponham a sua potencialidade de um modo inteligente e coordenado, de modo que o seu dar seja um caudal contínuo, que só a circulação ininterrupta dá garantia de vida ao Corpo que todos formamos em Cristo nosso Irmão primogénito.

Desta sorte já os fariseus se não perturbarão com a humilhação da esmola. Desaparecerá mesmo a palavra esmola, porque o caudal contínuo é uma circulação vital que irmana a todos, os dos dois grupos, na participação da mesma Vida. Basta que cada um aceite humildemente o papel que Deus lhe confiou. E uns merecem, dando. E precisam de dar para merecer. Os outros merecerão, recebendo, porque no receber dão aos primeiros a ocasião de merecer.

Pai Américo viveu cheio destes conceitos enraizados em Cristo. Por eles se explica o seu segredo no pedir. Ele, recoveiro dos Pobres, sempre se dirigiu aos que pediam, de cara levantada, na consciência plena de que era portador de graça quando lhes dava uma oportunidade inteligente e segura de cumprirem o seu dever de dar. E, porque os homens têm fome e sede de Verdade, e guardam quase todos uma intuição da Verdade, Pai Américo raras vezes foi mal acolhido.

Doi-nos a subserviência, o dorso vergado, em quem vive à conta de Deus, que proverá pela Caridade posta nos corações dos homens. Doi-nos a falta de fé que a lisonja muito adjectivada à generosidade dos Ex.mos Senhores e Senhora significa. Doi-nos ainda mais o equívoco que estabelece e reforça.

Senhor ou Senhora da Rua da Constituição, obrigado por tudo, mais pela legenda tão inteligente e exacta que mandou.

O Calvário tem os seus amigos certos que não falham em cada mês. Uns com mais, outros com menos. Cada um com o que pode. E todos com a mesma devoção e o mesmo afecto.

«Ninguém é um deles. Aí vem hoje, com dois vintes, certamente por Fev.º e Março. O mesmo acontece ao «Amando os Homens por amor a Deus...», somente com 100\$ de cada mês. E ainda o mesmo da «Humilde portuense» pela saúde de meu marido». Precaver a saúde do marido, socorrendo aqueles que a perderam irremediavelmente, chama-se sabedoria cristã, a mais segura de todas as previdências sociais. A Emília de Lisboa manda outros 100\$ e o «desejo de mil felicidades». Cinco vezes mais da Celeste de Lourenço Marques. Tudo o sabor deste envio está na sobriedade dele: «Junto uma migalhinha para o Calvário.» E isto mês após mês. Nem ela se farta, nem nós. De cada vez é uma «migalhinha»... A Caridade é assim.

Vinte duma doente, para doentes e «louvação seja Deus por me proporcionar a felicidade de poder continuar a mandar esta migalhinha todos os meses». Os leitores hão-de reparar, como, sem saberem uns dos outros, afinam pelo mesmo tom, os vários que aqui concorrem. Outros 20\$ de «Uma Avó» e 100\$ da Avenida de Roma. E «Uma amiga dos Pobres» com 200\$ por Fevereiro e Março.

Lisboa apresenta-se «com grande satisfação» e pede a conversão dum filho. Mais 1.000\$ deixados no Lar de Lisboa, «por alma de meu pai». Mais 20\$ de Seia, de uma gratificação ganha no serviço de doentes. E vem outra vez servir no mesmo serviço, sem se gastar! É assim a Caridade!

No Lar do Porto, 100\$ e camisolas de lã. Outro tanto de Arouca e pedido de orações «pe-

las melhoras de meu pai». Cinquenta de Gondomar, da assinante 14.289. Menos 10 de Ribeira de Pena. Cem de Ponta do Sol—Madeira e no Espelho da Moda e do Porto, mais bichos de seda, e outra vez do Porto de alguém muito conhecido, com o pedido de uma missa por alma de António. Metade de alguém de Casaldelo, e o mesmo de Castelo Branco e de Vila Nova de Ourém, e da assinante 425 e do Seminário de Vinhais, com este bilhete de amor: «Imploro as bênçãos de Deus para todos os que trabalham na «Obra da Rua», um dos sinais mais belos da presença fecundidade da Santa Igreja. Contino a ler «O Gaiato», cujas páginas me dão excelente matéria de meditação sacerdotal».

Mil e sessenta de uma subscrição entre gente amiga de Luan-da». Roupas de uma relojoeira do Porto. Vários medicamentos e utensílios de Espinho. «Cem meus e 40 de todo o pessoal desta secção».

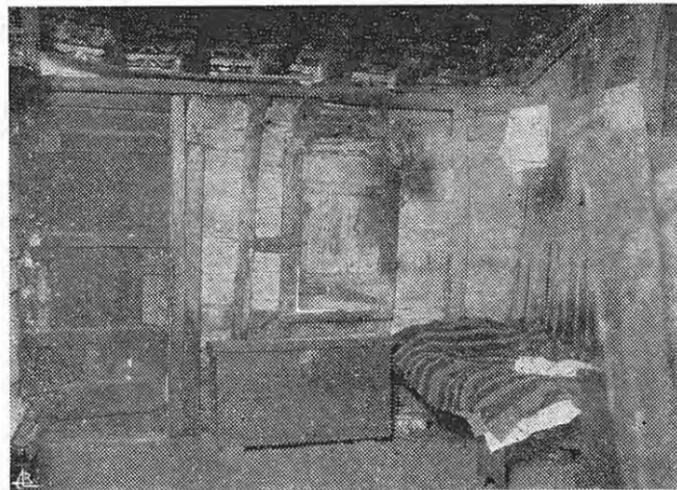
É de Lisboa e parece-me que dos correios.

E a nossa parte (quase sempre 100%) nos aumentos de ordenados: «530\$30 em acção de graças, da muito dedicada Alice», do Porto. E de Lisboa a M. L. F. S. e 20\$ de Luisa. «Mais gostaria de enviar, mas tenho também muito com quem repartir; porém, esta obra tem em mim tão profundo respeito que não podia passar sem, mesmo pouco, enviar qualquer migalha».

E ainda de Lisboa, uma casal, que faz do amor do próximo vínculo de amor mútuo que os uniu para sempre. «Representa a nossa ajuda (100\$) para tão sublime Obra, sendo o dinheiro tirado do primeiro aumento de ordenado por promoção».

Que Deus nos dê saúde e nos ajude a colaborar é o que desejamos. Isabel-Fernando».

Deixem as tristezas conjugais de que os diários falam, que ainda não acabou no mundo a beleza!



Como esta, quantas barracas?!

## Património dos Pobres

Continuação da primeira página

lhe pague a consoladela que nos deu.

Pois nós começamos por Rezende, onde o Padre Manuel do mesmo apelido é o sujeito da acção. É terreno de encosta, voltado ao Douro. A economia ditou o aproveitamento dos baixos, aliás por boas condições, e temos naquela freguesia quatro lareiras sob o mesmo telhado. O pedreiro tem falhado, que o trabalho aperta. Bom sinal... apesar da urgência destas quatro casas!

De Rezende passamos a Lamego, onde nos deram o caldo. Nós somos assim: Aonde vamos, batemos à porta e aceitamos o que nos dão. Somos «viajantes» de um ideal, em nome e ao serviço do Senhor.

Padres do Seminário acompanharam-nos logo após a refeição. Um cafézito para espertar e eis-nos junto às casas da freguesia da Sé. O pároco entusiasmado. Trocamos impressões. Faltou o arquitecto daquela obra, outro apaixonado; espero, porém, em

breve o prazer de o abraçar. Para já são quatro lindas moradias em acabamento. Mas o lugar dá para vinte. Lugar airoso, batido pelo sol, mirante da cidade. Como Deus é amigo dos seus Pobres e lhes reserva o melhor! Lamego terá depressa — assim o esperamos — o seu bairrozinho de Mira... Lamego!

Um salto a Mágueija, onde há uma casa do Património e outra que uma família de oito filhos anda a erguer com pequenos auxílios daqui e dacolá. Nós vimos onde eles moram. Numa ladeira serrana, uma corte para abrigo provisório do gado, quando chove. Outro salto a Lalim. São 2 casas quase prontas e vão ser mais duas.

Voltamos a Lamego. Os seminaristas tinham pedido uma fala. Era dia de S. Tomás. Não foi conferência... por falta de conferente. Foi uma conversazita familiar e mais nada.

À noite, um casal amigo, pais

Continua na página QUATRO

vos, não tem criados, não tem servos. Tem filhos. Ou és filho como os outros ou tens um pai à parte!...

O nosso Deus é Pai! Pai Nosso!...

Naquela toca vivem seis irmãos nossos!

O grito daqui lançado ecoou. Feriu algumas almas. As cartas recebidas dão testemunho. Eu queria que fosse uma fogueira, uma farsa incendiária de Portugal inteiro pois é a verdade crua e nua. O grito não é meu. Se o fosse, nada valia. Junto àquele o dos homens que já se afligem. «Atrevo-me a escrever-lhe movido pelas palavras com que termina a sua crónica de Setúbal no Gaiato de 8 do corrente. «Aflige-te». «Age.» E eu afligi-me. Sou uma empregada. Vivo do meu trabalho e não tenho possibilidades de conseguir a quantia de 12.000\$00, que creio que é necessária para a construção de uma casa do Património dos Pobres. Lembrei-me porém do seguinte: eu posso, mensalmente, dispor de 100\$00 do meu ordenado, e, se houvesse mais 9 pessoas que pudessem e quisessem dispor

da mesma quantia, no prazo de um ano teríamos o necessário para a construção de uma casinha que poria fim à aflitiva situação dessa família. Cada um de nós enviaria mensalmente a sua contribuição ao

## SETUBAL

Continuação da primeira página

Senhor Padre Acílio que faria o favor de as ir reunindo até perfazer a soma desejada.»

Assim eu compreendo que se ame a Deus! Se não ouviste o meu clamor, atende o desta incendiada e com ela vem ajudar-nos que o nosso Deus vê.

«Vão aí 200\$. São para essa desgraçada mulher, mãe de quatro filhos, que tanto me impressionou com a sua expressão «até faz doer a alma».

Dai-lhe quanto antes uma casa que eu sempre que possa levar de contribuir para a pagar. Sei que eu não posso, mas não é possível.

No entanto irei dando aos poucos e que Deus me auxilie para realizar este desejo que há muito me acompanha e hoje vou começar.»

Mais amor a Deus! Cada um, como pode. Se mais, mais. Se menos, menos. A caridade obriga medida das posses de cada um. É assim que lemos no Evangelho.

«Junto envio 50\$00 que peço o favor de entregar a essa pobre mulher que vive com o marido e quatro filhos numa toca, há onze anos. Gostaria de mandar mais, tanto, que com isso fosse possível, vê-los, já hoje, numa casinha, mas sou uma pobre criada de servir e é o que tenho para mandar nesta altura.»

Eis como são os cristãos. Assim. Em concordância perfeita com a doutrina que professam. O resto pode ser poesia, sonho, sentimentalismo individualmente consolador, não é doutrina de Cristo.

Metete-te nesta campanha. Entra na preceição. Acende a tua vela, a vela da tua fé e vem alumiar e aquecer o Deus vivo no nosso irmão!...

Padre Acílio

Visado pela  
Comissão de Censura

# Chales de Ordins

Cont. da página dois

Desaparecem, portão fora. Ela cai sempre.

Os pardalitos impacientes desprenderam-se dos arames da ramada e, seguros, apanham as migalhas. São dezenas deles. A Providência de Deus sustenta-os. Não semeiam, nem enceleiram. Seus cantos rudes perdem-se entre as flores do meu jardim. E eu fico triste a meditar naquelas crianças a quem alimento, mas deixo molhar. Mais que nunca acudiu-me à mente a Casa das Tecedeiras (ou Centro de Assistência) com sua cantina. Se uma obra se faz, porque é necessária, não podemos esperar mais em Ordins. Sem perda de tempo, há que começar. Lisboa assim diz: «em vale do correio, vou enviar 100\$00 para ajuda dos alicerces da residência dos Chales de Ordins e faço votos para que muitos e muitos 100\$00 sejam enviados e se juntem aos meus para poderem começar já com os alicerces para essa cons-

trução.» Viseu com 100\$00 paga um chale dos pequenos e «o restante aplicá-lo-ão onde acharem mais conveniente na mesma Obra, pois no que quer que seja sei que é bem aplicado. Achei admirável o projecto da obra de assistência para as tecedeiras». Já se pensa nas janelas. É o Porto, cidade do trabalho. Mas, por ora há que cuidar dos alicerces.

De Carviçais, a seu tempo, receberam-se formosas roupinhas para um filho duma tecedeira. Moledo envia boas notícias do seu Centro da Divina Providência e uma esplêndida camisola que fica à espera da festa da catequese.

Continua a procura dos chales. Ordins vai preparar-se para a Exposição Têxtil Internacional a efectuar no Palácio de Cristal. Conta levar centenas de chales de cores leves. Entretanto continua a atender os leitores do Famoso.

Padre Aires

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Aquela família de 3 irmãos, aqui falada em um dos números anteriores, ainda não tem — mas vai ter — casa firme. E não porque o senhorito da casa que ficara vaga comprometera-se-nos a cedê-la e... voltou atrás. A gente veio a saber porquê!... Adiante.

Hoje reunimos, à mesa do costume. Não faltou um vicentino. Entre outros discutimos este problema. Não o devíamos protelar mais. Uma família sem casa é uma injustiça. Tanto maior quanto é certo essa mesma família estar à mercê dos caprichos, das incompreensões, da maldade do município.

No mercado das casas vagas apenas encontramos uma e cara — 70\$00 por mês. A única!

Aqui, como nas mais terras de Portugal, a necessidade e a falta são iguais. Ele é verdade que a freguesia tem uma data delas do Património. Não fosse assim e como seria?! E, mesmo assim, como é! São precisas mais...

Os vicentinos acharam a renda cara. Não admira. São 70\$00. Mas, nesta emergência, a «prudência» não conta. Voltamos, todos, a cara à «prudência». Deus supre. Deus é Caridade. E aquela gente vai ter guarida. Vai receber o «Compasso» em «sua» casa — «Olhe que a gente se estiver aqui (na cozinha e por grande favor...) temos de beijar a Cruz no caminho!» Isto disseram-me, lágrimas nos olhos. Não beijam a Cruz no caminho, não senhor — «a Caridade é solícita». E como, nesse dia, darão graças a Deus! Quando for da mudança havemos de estar presentes. Havemos de comungar da alegria daqueles Pobres; já que outros pobres não compreendem a Pobreza e a Doença.

O QUE RECEBEMOS: 100\$ de quem pede para «não fazer referência no jornal». Respeita-se

o anonimato. Mais 20\$ do assinante 9.009, «em tyoca de uma oração a Deus pela felicidade do casal Maria e Joaquim e seus filhinhos». Casal cristão! Outros 20\$ do famoso Bebê n. 3, «das quotas de Janeiro e Fevereiro». Mais 20\$ de Envendos, assinante 14.118. O mesmo de Vila Moreira. Idem, de Viseu, assinante 4.583. Igualmente de um assinante de Espinho. Quinhentos de um visitante. Oh que jeitinho fizeram! Saibam os senhores que, este mês, foram tantas as doenças que apoquentaram os nossos Pobres, que não tivemos coragem de lhes faltar com os remédios. Daí, a conta da farmácia é verdadeiramente astronómica!... 10\$ de uma senhora, muito amiga, de Casaldelo. O dobro de outra senhora, muito amiga, da Murtosa, agora em Aveiro. Luso—Angola, 70\$, do assinante 13.791. Uma carta do Bombarral «deu à costa» em Ordins, com 20\$. Resultado: Sr. P. e Aires esteve «para... mas...» sempre vieram cá parar! E, se lá ficassem, poderia ser que o Senhor multiplicasse os 20\$ por cem, não acha? Para a «Viuva» 50\$ de Abílio de Sousa. E mais 300\$, da assinante 4343, para o mesmo fim, com esta nota simpática: «Atrazei-me um pouco, mas não me esqueci e já incluo o de Março. Assim é mais certo». Certíssimo! A gente não se cansa de ler e saborear estas cartas, plenas de amor e muito carinho pelos Pobres, nossos irmãos. Uma migalha de 4\$, remanescente de umas contas pagas por António José Vieira. E outra migalha maior, 100\$ de Manuel Pereira. E 40\$ da assinante 17022 que não se cansa de dar. Oh persistência!

Júlio Mendes

Lêde e propaqqi

« O GAIATO »

# PELAS CASAS DO GAIATO

## TOJAL

— Já lá vão alguns meses sem os senhores sabermos notícias desta linda casa do Tojal, ditas por um dos nossos rapazes.

Eis a ocasião, embora tardia. Eu queria que elas fossem fresquiúhas, mas não pode ser. Já são velhas mas são como se tivessem s' do hoje. Desculpem o meu atrevimento, meus amigos.

— Assunto para não esquecer. Os senhores sabem que já chegou a festa da Páscoa, não é verdade?

Pois muito bem, mas o que não sabem é o seguinte:

Um dia, como os demais, entrei em casa depois de sair do colégio. Ao dirigir-me ao meu quarto reparo na camarata e vejo as camas sem colcha.

Em breve soube o que haviam feito delas. Foram lavar e depois para cozer.

Ora, caros amigos, não deixem assim nossas camas na Páscoa da Ressurreição do Senhor. Ressuscitai a vossa vontade e abri vossa bolsa e mandai para cá algumas peças de pano para cobrir as camas dos pequeninos e dos maiores, como o Senhor Padre Baptista quer. Ponha já no rótulo: é para as camas dos mais pequeninos e acaba-se logo a treta!... Depois pode ser para os maiores... e sempre a rolar!...

— A senhora da cozinha anda-me sempre a instigar e sempre com o mesmo:

Põe no jornal para nos mandarem colheres, canecas e tijelas!

— Acabaram-se de concluir dois campos que se adaptaram para jogos. Um para basquetebol. Outro para Voleibol. Agora sim! A rapaziada em pleno e continuo alvoroço. Não passa uma hora que não se ouça:

— Eh pá?! vou-me treinar a jogar volei, pois quero ir ainda para o Sporting, Benfica ou F. C. Porto. Recreios, ou Volci, ou são muito mal passados.

Os rapazes não gostam de ver descansar a bola ou o equipamento e pedem insistentemente que os liberte.

Uma vez de posse destes elementos, correm para o campo como loucos e eí-los a contar, um, dois, cinco contra dois... Pasmado de entusiasmo ao ver este jogo, sem dúvida muito útil para a nossa juventude e oxalá que perdure o agrado e a inspiração por ele que houve até agora. Bom sinal! Quem trabalha, também precisa um pouco de diversão, de contrário, seria uma injustiça. Haja reinação e alegria.

— O quê? Os rapazes de 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classe vão daqui a pouco fazer os seus exames e não sabem onde e com que resolver os problemas e contas que o professor lhes indicar para resolverem. Só os senhores sabem. Ora peço-vos que vos digeis mandar o preciso porque não sabemos descalçar esta bota.

— Que lindos são os campos com o belo trigo, em nossa casa! Que alegria! Que cor! Que saúde nos não dará ao corpo e à alma!

Estão semeados 50 quilos dele a mais do que o ano passado.

A maturação está próxima e prevê-se boa colheita.

— Para terminar, como não posso dizer nada da nossa conferência, não quero de maneira nenhuma, deixar de vos lembrar dos nossos pobres no dia da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo que por seu amor se deixou crucificar!

— Anda-me sempre também a dizer que não sei pedir. Isso sei eu, muito obrigado minha senhora.

Tem muita razão, mas eu é que tenho medo que os senhores não ouçam.

O que é preciso é que se não façam esquecidos. Mandem para cá o que a senhora da cozinha pede.

Zé do Porto

## PAÇO DE SOUSA

— FUTEBOL. As nossas equipas têm estado em intensa actividade. No dia 16, a equipa de honra defrontou, no nosso parque de jogos, a forte selecção de Entre-os-Rios — Rio de Moínhos, tendo-se registado um empate a um tento. A nossa equipa exibiu-se

abaixo das suas possibilidades, dando fraco rendimento, mas chegaríamos ao fim com vantagem no marcador se não fosse a má actuação do árbitro, que nos prejudicou grandemente, falseando o resultado da contenda. De notar a nossa boa reacção.

Nesse mesmo d'a, na Casa de Miranda do Corvo, a selecção desta com o Lar de Coimbra, defrontaram, num jogo muito animado, a equipa B da Casa de Paço de Sousa. Venceu esta por 5-3. Não vimos o jogo, por isso não podemos fazer comentários!...

No dia 23 tivemos novamente duas equipas em actividade. Duas e meia, desafio entre os nossos infantis e os da Colónia Agrícola A. Ferreira da Lapa, dos Carvalhos. Ganhamos por 2-1. Pena foi que não tivesse terminado por via do mau tempo. Não temos dúvida em afirmar que o marcador

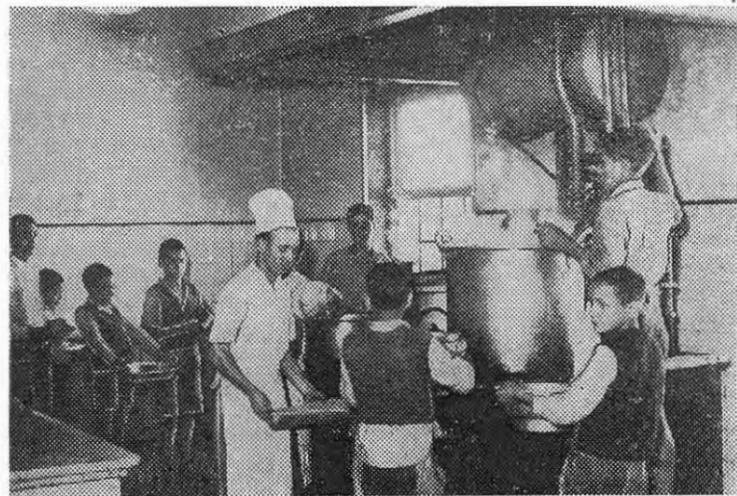
funcionaria a nosso favor mais algumas vezes.

Nossos melhores: Manuel Bucha e Esticadinho. Parabéns a todos.

Eram quatro horas quando começou o principal jogo da tarde, entre a nossa equipa de honra e do F. C. de Fafe, que terminou com a vitória do visitante por 4-3.

Apesar do mau tempo que prejudicou muito foi uma bela partida. Não ficamos atrás do nosso adversário em jogo, mas em simpatia e correcção. Nem uma só falta a apontar. Isto é bom sintoma. Uma boa classificação para uma equipa que disputa provas do calendário nacional.

Um muito obrigado ao F. C. de Fafe por nos ter proporcionado esta bela jornada de confraternização desportiva-social. Muito e muito gratos lhes está toda a Família dos Gaiatos.



A cozinha da nossa Aldeia.

Travessas, refeiteiros, o panelão da sopa — e «Russo» a presidir.

## PATRIMONIO DOS POBRES

Cont. da pág. três

de muitos filhos, repartiu connosco o caldo do seu lar. Faz-nos bem esta companhia de pais de muitos filhos. Eles entendem-nos e a gente entende-os e aprende e consola-se e supera o abismo entre a nossa idade e a dimensão imensa da nossa paternidade. Foi uma noite repousante.

Manhã cedo e missa celebrada, um abraço ao Pároco de Almacave (o das primeiras casas do Património na cidade de Lamego); outro abraço na Régua, ao Padre Duarte, de Fontelo, que veio acaçar... e acaçou, e eis-nos a caminho de Longa. Antes, paramos em Tabuaço a cumprimentar a «Senhora do Azeite».

Em Longa são, para já, duas

casas com suas lojas e a característica habitual: uma situação excelente que daria graça às casas se elas a não tivessem de si. Foi a manhã toda e o caldo do meio dia.

Regressamos à Régua. O tempo invernosou. Subimos a Medrões, onde são quatro casas jeitosas. Aqueles momentinhos com o santo Pároco daquela terra foram outra consoladela.

Partimos para as Pedras Salgadas e aí ficamos. Não fora noite à passagem em Vila Real, e eu teria ido ter com a Comissão que se intitula «da Obra do Padre Américo em Vila Real» a dizer-lhe que o dinheirinho que lá está, estaria há muito empregue, se cá estivesse. Mas era noite e na tarde seguinte, quando regressamos, «Tomar» mais eu trazíamos tanta pressa de chegar a casa que não parámos.

Domingo foi em Carrazedo de Montenegro. Um grupo de vicentinas destemidas, sob o comando de um pároco a quem nem a idade faz temer. Entregaram-se 4 grandes casas, com seus quintais e sua mobília e coisas de comer para os primeiros dias.

Na Igreja, à estação da Missa, houve uma palavrinha a propósito. Depois, em acção de graças, toda aquela gente foi comungar na felicidade das quatro famílias contempladas.

Só a benção das casas e a entrega das chaves. Nem discursos, nem mais nada. Simplicidade!

## UM AVISO

Não é a primeira vez que tal acontece.

Agora fomos informados de que um rapaz, apresentando-se como gaiato, anda pelas portas com uma circular da «Campanha dos 50 Mil» a pedir assinaturas... e a cobrá-las. Saibam os senhores que ele não é daqui e nem sequer tal processo de pedir é nosso costume.

É favor pois, acautelarem-se e acautelarem-nos.